

"In Memoriam" de Camargo Guarnieri*

José Eduardo Martins

A morte recente de Camargo Guarnieri deverá descentralizar as reflexões que, de há muito, processavam-se sobre a abrangência de seu perfil. A decantação resultante do recuo histórico abrirá a perspectiva da pesquisa da criação extensa desvinculada de fatores decorrentes de idiosincrasias pessoais.

Sem ter freqüentado os bancos escolares além da tenra infância, paradoxalmente, tende a produção de Camargo Guarnieri a ser um dos mais buscados temas nos programas de Pós-Graduação. Isto se deve ao fato de, em pertencendo à trindade nacionalista junto a Villa-Lobos e Francisco Mignone, Guarnieri ter-se destacado pela profunda ciência composicional, prevalecendo sobre os seus ilustres colegas no segmento do esmero da feitura criativa. O compositor criou o seu acervo cultural erudito e cultural popular autêntico, através do relacionamento capacitado com mestres, artistas e intelectuais, o que redundou, ao não-acadêmico, a plena consciência do equilíbrio do conhecimento extramusical.

Mário de Andrade teria sido o eixo paradigmático da opção consciente pela estética nacionalista. A ascendência do autor de *Macunaíma* sobre Camargo Guarnieri, no período de formação deste, serviria de encorajamento e para sinalizar as únicas diretrizes possíveis em que acreditava e que, necessariamente, passavam pelo nacional. Guarnieri manteria para com Mário um perene reconhecer que se prolongaria até o limite da existência. Em

* Publicado no programa do concerto especial da Orquestra Sinfônica da USP dedicado às obras de Camargo Guarnieri e realizado no Anfiteatro de Convenções e Congressos da USP aos 13 de março de 1993.

momento algum de sua trajetória, o autor dos *Ponteios* claudicaria no respeito aos princípios básicos da música brasileira e na admiração a Mário de Andrade. O desencanto dos últimos anos, revelado em conversas e sobremaneira nas entrevistas, traduzia as angústias de um compositor cômico da medida exata de seu mérito, mas negligenciado neste universo em expansão da cultura musical de massa.

Para o momento recente ao falecimento do compositor, as palavras adquirem a força da exacerbação, somente sujeitas ao equilíbrio após o distanciamento temporal devido. Se a louvação deverá colidir com o recuo histórico propiciador da reflexão menos envolvida, há que se buscar, contudo, todas as referências do homem, do professor, do compositor, do missivista, a fim de avaliação mais objetiva da produção guarnieriana.

Conheci Camargo Guarnieri em 1953, através da pianista e sua devotada intérprete Lídia Simões. Com o mestre trabalhei várias de suas obras para piano; e a lembrança longínqua e perene que se instalou nos meus 15 anos traz o apelo do senso profundo transmitido, da frase musical e de sua sinuosa trajetória. Guarnieri tinha o dom da respiração, de ao acompanhar uma cantora, como exemplo, encontrar na mais absoluta naturalidade a flexão agógica.

Estudava piano e música em Paris quando, em princípio de 1960, Guarnieri chegou à cidade a fim de apresentar-se em recital camerístico e refletir - se este seria o termo - sobre uma guinada afetiva que eclodia. Durante cerca de dois meses, tive o privilégio de tê-lo convivendo no apartamento em que me instalara desde 1958, um andar inteiro, sótão e almoxarifado de um amplo escritório comercial, no 17 bis Rue Légendre, XVII^e, bem perto do Parc Monceau e da École Normale de Musique. Podia-se fazer música até alta madrugada, sem vizinhos que se pudessem molestar. Nos intervalos das longas horas de prática pianística que me eram necessárias, Guarnieri, em poucos minutos, fazia a sua "higiene" tecladística, no desiderato da sua futura apresentação pública. Villa-Lobos falecera poucas semanas antes e, entre as homenagens que a Embaixada do Brasil preparava, uma destinava-se a um

recital inteiramente dedicado ao compositor. Ao ouvir-me estudar o *Choro n.º. 5 - Alma Brasileira* -, Camargo Guarnieri escreveu *Homenagem a Villa-Lobos*, baseando-se na rítmica inicial da peça de Villa. A obra finda em 13 de março de 1960, só foi apresentada por este dedicatário em primeira audição em Paris, aos 19 de novembro do mesmo ano. Fica a lembrança do estímulo revigorante que recebi de Guarnieri durante sua estadia em Paris e nos meses que se seguiram, através de cartas plenas de compreensão e encorajamento, das quais, lamentavelmente, o jovem sem visão memorialista conservou apenas duas. ⁽¹⁾

Nos muitos anos que se seguiram ao meu regresso, houve um voluntário distanciamento do compositor para com este intérprete. Guarnieri mostrava-se pleno da fidelidade à estética nacionalista que abraçara e, de minha parte - sempre o admirando como um criador da maior importância -, não mais acreditava nos princípios de uma música tendo como normas as rítmicas, temáticas, terminologias nacionais onipresentes. Quando, em 1978, após entrevista para a *Folha de S. Paulo - Ilustrada*, disse ter sido Mário de Andrade nocivo à música brasileira, referindo-me, na verdade, à não-ventilação no Brasil, durante décadas, das correntes musicais operantes fora de nossas fronteiras, causada por uma posição radicalizada do autor de *Paulicéia Desvairada*, Camargo Guarnieri mostrou todo o seu desagrado, ocorrendo no ato o rompimento.

Em 1983, sem perdoar-me, convida-me para tocar com a Orquestra Sinfônica da USP - Seção Cordas, no Anfiteatro de Congressos e Convenções da Universidade de São Paulo, o *Concerto para Tecla* do compositor português do século XVIII, Carlos Seixas. Outro privilégio para o solista. Ao coordenar dois anos após, um álbum de homenagens a Henrique Oswald, que o Serviço de Difusão de Partituras do Departamento de Música da ECA-USP fez publicar, tivemos de Camargo Guarnieri uma homenagem em forma de Ponteio aquele compositor que, segundo ele, fora o mestre que mais finamente escrevera entre os músicos aqui nascidos.

O distanciamento prolongar-se-ia até, infelizmente, poucas semanas antes da morte de Guarnieri. Razões outras determinaram também o distanciamento, durante décadas, do compositor de *Choro Torturado* para com Olivier Toni. Foi às vésperas do falecimento que, a convite de Toni, plenamente por mim endossado, Guarnieri veio ao Departamento de Música da ECA-USP. Frise-se que o ex-aluno Toni sempre considerou Camargo Guarnieri como "o mais importante compositor brasileiro de toda a história da música deste país". A frase não é emocional, pois antiga, deste que seria, por sua vez, professor de Gilberto Mendes, Willy Corrêa de Oliveira, Mário Ficarelli e Rogério Duprat.

Professores e alunos prestaram, através da apresentação de suas obras, uma singela homenagem ao compositor. No peristilo da morte, Camargo Guarnieri esteve extraordinariamente emocionado, perto, superando quaisquer episódios polêmicos do passado. Lembrou as aulas dadas ao Toni, lembrou Paris... sempre sorrindo. Teve ainda atávico prolongamento do professor dias após, ao transmitir ao Toni conselhos a um dos alunos-compositores do Departamento, que improvisara sobre um tema do homenageado. A improvisação, segundo ele, ou é devaneio ou estruturada em forma preconcebida. Entendera o agrado do aluno como um devaneio.

Foi uma tarde de serena reconciliação.

NOTA

- 1) Ocasionalmente encontrei dentro de partitura da década de 60, dias após a redação deste texto, cinco outras cartas a mim endereçadas por Guarnieri. As datas das sete missivas: 16/5 e 24/10/1960; 24/1 e 10/8/61; 15/3/62 e duas manuscritas de 2/4 e 21/6/1960.

José Eduardo Martins é pianista e professor-titular do Departamento de Música da ECA/USP.